

Proteção à Natureza (*)

ARLINDO P. GONÇALVES

(Do Depart. de Silvicultura)

Há poucos dias, tivemos o prazer de ouvir a excelente palestra do Prof. José Candido sobre a necessidade da proteção de nossa fauna util contra a vandálica perseguição, que vem sofrendo.

Corroborando a mesma causa, trazemos hoje à consideração dos Snrs. mais algumas palavras sobre a necessidade da proteção à Natureza.

A natureza — este conjunto harmônico e maravilhoso que nos cerca e que nos proporciona todos os meios de vida — vem sendo saqueada e esbanjada através dos séculos.

O pouco, ou quasi nada, que temos feito a seu favor, desaparece por insignificância deante dos inúmeros benefícios, que dela recebemos quotidianamente.

A proteção à natureza, com seus objetivos econômicos, estéticos ou sociais não significa, em absoluto, a proibição do aproveitamento de seus recursos econômicos, como parece a muitos apressados.

Pelo contrário, a exploração científica, racionalmente encaminhada no aproveitamento do que a Natureza nos oferece de util á nossa vida, constitue, até mesmo, uma lei do progresso.

Os objetivos da proteção à Natureza aestão bem traduzidos na campanha do aproveitamento racional do estritamente necessário e combate à mentalidade esbanjadora existente entre nós, tão bem exemplificada no indiferentismo com que o caboclo abate uma árvore para colher os seus frutos, ou joga por terra um magestoso jacarandá para apenas vazar o mel de uma abelha, que construiu os seus favos no oco de um dos seus galhos e, ainda, na indolência com que aprecia e até mesmo admira a ação devastadora de um fogo, ateado por mero diletantismo ou por abominavel descuido.

A proteção à Natureza tem um campo vastissimo de ação, estendendo-se desde as cidades às zonas rurais.

Nos centros urbanos a vida torna-se cada vez mais austera e rígida, em um conglomerado de pedra, ferro, concreto e asfalto, onde o homem vive empilhado em prateleira

(*) Preleção proferida em Reunião Geral da ESAV, em Maio de 1940.

ras, engavetado entre ferros e pedras, sofrendo a angústia do espaço e aniquilando-se à falta do convívio com a Natureza, que ele próprio malbaratou.

Nas zonas rurais, embora se apresente sob um aspeto diferente, aí está também o problema, caracterizado especialmente pelo desequilíbrio biológico, climatérico e fisiográfico, provocado pelo homem no seio da Natureza.

Encontrando inicialmente fartas disponibilidades, o homem, sem a menor preocupação com o dia de amanhã, em sua exploração desordenada, saqueia e devasta as matas, queima o que não pode aproveitar, destrói a fauna útil e depois vê-se obrigado a lutar contra as pragas, que atacam as suas culturas improdutivas em solos lavados pela erosão, onde as fontes já secaram e o deserto ameaça tornar inabitáveis.

Aí estão os nossos sertões a desafiar a nossa capacidade construtora há quatro séculos, conforme fez ver Euclides da Cunha, e ainda o Nordeste brasileiro com cerca de 10% apenas de sua área coberta com matas.

A árvore, embora tenha sido reconhecida desde Plínio, como o maior presente dos deuses ao homem, ainda continua a ter neste o seu maior inimigo que, esquecido dos inúmeros benefícios recebidos dela, direta ou indiretamente, constitue o seu maior destruidor.

Não vai aqui, em absoluto, a idéa de endeusamento de nossas florestas, nem tão pouco um protesto contra o seu aproveitamento.

“São Paulo não seria o primeiro Estado da União, o mais rico e adeantado, si não tivesse substituído as densas florestas das suas terras roxas pelo café”.

Nem tão pouco poderia o Brasil — reconhecido e proclamado o mais rico país de todo o universo em essências florestais — dizer aos nossos compradores de madeira que «as nossas exuberantes matas são para inglês ver, mas não para comprar».

O que é preciso, pois, é uma campanha contra a destruição sem proveito, o esbanjamento, o prodigalismo das explorações desordenadas, e cuidar-se seriamente do reforestamento dos terrenos em que for conveniente a existência de matas.

O homem divorcia-se cada vez mais da Natureza. Torna-se imprescindível a volta ao seu convívio salutar, especialmente para amenisar a tensão nervosa decorrente da vida cada vez mais intensa, que vivemos.

A arborisação das cidades é importante medida, que se impõe aos poderes competentes.

Calcula-se que o consumo mundial de madeira, para os diversos fins, é de 1.600 milhões de metros cúbicos, anualmente.

As reservas florestais, que o mundo possui atualmente, só permitem um crescimento anual de 1.100 milhões de metros cúbicos.

Há, pois, um deficit anual de 500 milhões de metros cúbicos, o que equivale a dizer que cerca de 1 milhão de hectares são destruídos anualmente.

O mundo está vivendo, pois, de seu capital de madeira. E si este não for reformado, mais cedo ou mais tarde se esgotará, com lamentáveis consequências.

Os países novos, como as gerações novas, não querem aproveitar-se das lições que poderiam aprender com as Nações e povos mais antigos, que já sofreram as consequências de seus erros.

E assim, vemos países novos incorrerem nas mesmas faltas em que cairam países velhos, que hoje procuram por toda forma reparar os prejuizos delas decorrentes.

Os exemplos se sucedem, e o vulto e importância do problema requer ação imediata, decidida e enérgica.

A hora trágica, que o mundo atravessa, é uma eloquente lição para aqueles que por aí andam a decantar as nossas riquezas mortas e a proclamar, com eloquência a grandeza, a imponência de nossas montanhas que escalam o infinito, e o tesouro mineral oculto em nosso sub-solo.

E assim julgam estar edificando a grandeza nacional...

Montanhas lavadas pela erosão, despidas de vegetação, onde o próprio gado se locomove com dificuldade, serras improdutivas e verdadeiros obstáculos às vias de comunicações tão necessárias, e tesouros ocultos debaixo da terra não fazem a grandeza de um povo, senão na boca dos que pensam que poderão edificar a grandeza nacional apenas com palavras.